

**As relações de gênero e o uso de novas linguagens no ensino de História: o relato de uma experiência no ensino médio na Escola Estadual Dra. Eunice de Lemos Campos**

Irene Batista Lima

Graduada do Curso de Licenciatura em História/ICHCA/UFAL

Especialista em Mídias na Educação/UFAL

Professora de História na rede pública estadual

Secretaria de Educação de Alagoas - SEDUC

ireneblima@gmail.com

**Resumo:**

Em nossa sociedade permanece a desigualdade e falta de oportunidades relacionadas às questões de gênero. Discutir em sala de aula no Ensino Médio o tema é uma oportunidade para refletir sobre a função e o papel da instituição escolar, pois a escola tem sido um espaço de reprodução de discursos que sustentam desigualdades, autoritarismos, violências, tão naturalizados nas relações atuais.

**Palavras-Chave:** relações de gênero, representatividade feminina, ensino de História

INTRODUÇÃO

O objetivo do projeto Estudando a Representatividade Feminina e seus Desafios não é acirrar discursos sobre identidades de gêneros na História. É preciso conhecer e valorizar as conquistas advindas com a luta pelos direitos políticos e civis das brasileiras, a partir de estudos em que os alunos e alunas conheçam e compreendam o processo histórico onde o termo gênero se refere a uma construção social que diferencia os sexos.

Os estudos e atividades estimularam mudanças de atitudes e comportamentos das alunas e alunos e provocaram reflexões críticas sobre os estereótipos, carreiras e profissões, diferenças e desigualdades entre os gêneros.

A escola é um dos espaços em que adolescentes e jovens passam um bom tempo das suas vidas, e por isso é responsável pela formação de cidadãos conscientes e capazes de participar e transformar a realidade em que estão inseridos.

O espaço da sala de aula é um ambiente privilegiado para se trabalhar a

cidadania plena de homens e mulheres, a partir de discussões sobre temas que reflitam o objetivo maior da escola na sua intencionalidade de construir uma sociedade igualitária e justa, onde as diferenças sejam respeitadas.

Alcançar o exercício pleno da cidadania de forma digna se compõe a partir de um processo formativo que deve estar inserido no contexto escolar. Para enfrentarmos os preconceitos estabelecidos numa sociedade na qual as relações hierárquicas e de poder patriarcal ainda dominantes, nos desafiam a discutir e combater os resquícios de uma educação sexista, que impõe inúmeros entraves para a participação feminina em especial no campo político.

No decorrer da graduação, recebemos uma formação acadêmica insuficiente e distante da realidade em sala de aula. Para suprir a carência acadêmica, superar os desafios e despertar nos alunos o interesse pelo conhecimento, necessitamos de formação continuada. É de extrema importância que estejamos aptos para atuar como transformadores da realidade social.

Durante o ano de 2018 foi ofertado para professores da área de Ciências Humanas da rede pública estadual alagoana o Curso de Formação Continuada e Colaborativa “O ensino de História e a Formação da Consciência histórica de professores e alunos”, que buscou a aproximação entre a Universidade Federal de Alagoas e a escola pública estadual por meio de uma parceria com a Secretaria de Estado da Educação de Alagoas. Durante as Oficinas Temáticas discutimos questões teórico-metodológicas inerentes ao processo ensino-aprendizagem e ao ensino de História. O curso propôs a elaboração de projetos com o uso de diferentes linguagens no ensino de História, ao longo do ano letivo. Durante os encontros mensais ocorreram produtivas trocas de experiências, estudos e discussões dos textos para obtermos embasamento teórico e nos atualizarmos quanto as novas abordagens temáticas para o ensino de História e construir de forma colaborativa com nossos alunos o Projeto “A utilização de diferentes linguagens e fontes a partir de temáticas diversificadas no Ensino de História” com duração de 20 horas/aula.

## **METODOLOGIA**

A escolha da temática relacionada a questões de gênero surge da necessidade de envolver o ensino de História para preencher a ausência de diálogos e esclarecer que em nossa sociedade os diferentes sistemas de gênero (masculino e feminino) e as formas de operar nas relações sociais de poder entre homens e mulheres são decorrência da cultura, e não de diferenças naturais instaladas nos corpos de homens e mulheres. A historiografia evidencia que a hierarquia de gênero, em diferentes contextos sociais, é em favor do masculino. A ideia de “inferioridade” feminina foi e é socialmente construída pelos próprios homens e pelas mulheres ao longo da história.

A temática gênero no Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas para as Ciências Humanas no Capítulo I referente ao Papel da Escola na Formação do Sujeito apresenta que

A cultura da discriminação e do preconceito é introjetada nos sujeitos sociais pelas interações sociais que são estabelecidas numa sociedade num determinado tempo. Historicamente, buscou-se entender as relações sociais de gênero com base nas diferenças entre os sexos, com ênfase na especificidade biológica de mulheres e homens, caracterizada pela dominação de um sexo sobre o outro, estabelecendo uma relação hierarquizada de poder na qual a masculinidade hegemônica seria a ideal e, portanto, superior. (VELOSO, apud ALAGOAS, 2014,p.23).

Nos últimos dez anos, lecionando aulas de História em escolas públicas da rede estadual de Alagoas, percebi que no mês de março a comemoração do Dia Internacional da Mulher se resume aos cafés da manhã, distribuição de rosas, bombons, cartazes com imagens maternais, frases carinhosas com ares românticos, desconsiderando completamente todo o contexto histórico que culminou na comemoração da data.

Durante o mês de março de 2018, compartilham na minha página da rede social Facebook um post com o link para o texto *A história das mulheres brasileiras que foram à luta por seus direitos* publicado no site Congresso em Foco. O artigo relata a forma como foram tratados os direitos civis e políticos femininos desde a Constituição Imperial de 1824 até a promulgação da Constituição de 1934, citando a atuação das mulheres no movimento feminista, na imprensa e as primeiras brasileiras eleitas para cargos políticos. A leitura do artigo reforçou minha percepção da ausência de estudo da representatividade feminina na sala de aula.

Após 86 anos da conquista do direito ao voto no Brasil, conseguimos avançar

significativamente na consolidação de direitos e também ampliar nossa representatividade em diversas áreas do conhecimento, nas ciências, no esporte, na política. Porém a representação permanece baixa e desproporcional em relação aos dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2015 quando nos deparamos com o número percentual de mulheres no Brasil superior ao de homens. 48,52% da população brasileira é composta por homens enquanto 51,48% por mulheres<sup>1</sup>.

Nas redes sociais são compartilhados posts, memes e vídeos sobre o Dia Internacional da Mulher referindo-o a fatos isolados ocorridos no século XX, como o incêndio na fábrica de camisas nos Estados Unidos da América, por exemplo. Sugiram questionamentos pessoais sobre a história do Dia Internacional da Mulher: Por que comemoramos esse dia? Qual sua importância? Por que é preciso conhecermos a história da data? O que temos a comemorar de fato no dia internacional da mulher num país onde dados estatísticos apresentam significativas diferenças entre os gêneros na política, no mundo do trabalho, nas responsabilidades familiares? A partir de pesquisas e leituras sobre o ensino de História e as relações de gênero, esbocei o Projeto Estudando a Representatividade Feminina e seus desafios, com o objetivo de estudar na História as relações de gênero para instigar nas alunas e alunos a reflexão e fomentar atitudes para superar a reprodução de discursos que sustentam desigualdades, autoritarismos, violências, que ainda permanecem nas relações humanas atuais.

Os estudos de História abordam questões de gênero sobre os estereótipos presentes nas carreiras e profissões, suas diferenças e desigualdades o quanto afetam as relações de trabalho. No capítulo Gênero presente no livro Novos temas nas aulas de História, Carla Bassanezi Pinsky expôs que

Os historiadores apontam a grande variedade de definições de masculinidade e de feminilidade e **como elas se relacionam com funcionamento das sociedades** (grifo da autora) não apenas na vida familiar, mas também nas instituições políticas e atividades econômicas em situações concretas. Suas pesquisas demonstram que concepções de gênero afetam as relações entre as pessoas e grupos de pessoas não só quando se trata de relacionamentos entre mulheres e homens.[...] Estão presentes também nas ocupações profissionais, nas políticas públicas, nas artes, nos discursos científicos e filosóficos, nas ideias de cidadania. p.35-36

A abertura de discussões sobre relações de gênero na perspectiva de mudanças

de atitudes e comportamentos que enfatize a necessidade de estabelecer uma relação mais igualitária na escola e no mundo profissional direciona para renovação e inclusão de novas linguagens e metodologias de ensino, conforme a historiadora Selva Guimarães Fonseca destacou no trabalho *Didática e Prática de Ensino de História*:

[...] As metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes em sala de aula. Ele(a) (professor/a) tem o privilégio de mediar relações entre os sujeitos, o mundo e suas representações, e o conhecimento, pois as diversas linguagens expressam relações sociais, relações de trabalho e poder, identidades sociais, culturais, étnicas, religiosas, universos mentais constitutivos de realidade sócio-histórica. [...] p.164.

Na atualidade da sala de aula é preciso despertar e envolver as alunas e alunos em temas que tratem do interesse político e social, conciliando a inclusão dos recursos das TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação). Entre as 10 competências gerais da BNCC, a 5ª competência indica a necessidade de compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva [...] para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. Pesquisas mostram que o smartphone já faz parte da vida de 90% da população brasileira e que é o objeto de maior preferência entre as crianças e jovens. Os aplicativos, funcionalidades e facilidades dos smartphones auxiliam no contexto pessoal e também podem ser inseridos no ambiente escolar como prática educacional, conforme as orientações da historiadora Circe Maria Fernandes Bittencourt:

As propostas para renovação dos métodos de ensino pelos atuais currículos organizam-se em torno de dois pressupostos. Um pressuposto básico e fundamental é a articulação entre método e conteúdo.[...] O segundo pressuposto é que os atuais métodos de ensino têm de se articular às novas tecnologias para que a escola possa se identificar com as novas gerações, pertencentes à “cultura das mídias”. [...] os novos suportes eletrônicos que concorrem com os antigos livros e com outros instrumentos de produzir e consumir informações escritas. (BITTENCOURT, 2009, p.107).

Da elaboração do projeto ao momento da socialização dos vídeos com as entrevistas utilizamos as TDICs (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação). A maioria dos alunos da escola pública possuem smartphones, porém nem todos dispõem de planos de dados suficientes para pesquisas e atividades escolares. Foi preciso utilizar os meios digitais e os impressos para que todos pudessem participar das atividades. Os

textos, vídeos e documentários foram disponibilizados para acesso através dos links.

O início das aulas aconteceu em 26/02/2018. Aproveitei o período propício para abordagem do tema com as 3 turmas A, B e C do 2º ano do Ensino Médio no turno da tarde. Entre as três turmas, optei pela turma C para o desenvolvimento do projeto.

Durante os meses de março, abril, maio e até a primeira semana de junho desenvolvemos o Projeto Estudando a Representatividade Feminina e seus desafios, com objetivo de estimular a mudança de atitudes e comportamentos das alunas e alunos, enfatizando a necessidade de estabelecer uma relação mais igualitária na escola, no mundo profissional e reflexões sobre os estereótipos de gênero, carreiras e profissões. A participação ativa dos alunos na construção de projetos colaborativos possibilitam a formação da consciência histórica e do conhecimento crítico sobre a temática relacionada às relações de gênero no Brasil. É preciso compreender que as metodologias de ensino, na atualidade, exigem permanente atualização, constante investigação e contínua incorporação de diferentes fontes, linguagens e instrumentos em sala de aula. O produto final do projeto foi a produção de um vídeo com cinco minutos de duração de uma entrevista com mulheres que exercem atividades acadêmicas e/ou profissionais onde a representatividade feminina não é igualitária à masculina, por meio da produção de conteúdo digital que explorem recursos como as câmeras e os gravadores dos smartphones.

A metodologia por projetos possibilita o desenvolvimento de estudos, pesquisas e a construção de saberes numa perspectiva dinâmica, colaborativa e inter/multidisciplinar, com característica socializadora, na medida que se trata de uma produção coletiva, que pressupõe a ação de grupo (Guimarães, 2003, p.122). É importante destacar o trabalho por projetos para o ensino e a aprendizagem de História como um meio para conduzir o ensino como processo permanente de investigação e de descobertas individuais e coletivas (2003, p.123).

O ponto de partida para o projeto foram rodas de conversas com as turmas para checar o que sabiam sobre a origem do Dia Internacional da Mulher, qual seu significado, o que representava a data, quais motivos para comemoração da data. Foi citada a questão do incêndio na fábrica e mais nada. Também perguntei se nos anos anteriores em outras disciplinas haviam estudado e a resposta foi o desconhecimento da

história do Dia Internacional da Mulher.

Elaboramos um cronograma de atividades com planos de aula para 2 horas/aula semanais da primeira semana de março até a primeira semana de junho. As primeiras aulas foram as leituras comentadas e atividades com o artigo *Dia Internacional da Mulher, mitos e verdade na escolha da data* publicado no site Ensinar História criado pela Professora Joelza Ester Domingues, na forma impressa e digital. Para tratar sobre a história dos direitos civis e políticos das brasileiras estudamos o artigo *A história das mulheres brasileiras que foram à luta por seus direitos* publicado no site Congresso em Foco. Nas demais aulas foram apresentados vídeos que tratavam da temática relações de gênero<sup>2</sup>, uma palestra com uma militante feminista, orientações sobre produção de vídeo e cuidados com uso de áudios e imagens.

No dia 20/04/2018, tivemos uma palestra com a militante do Partido Comunista do Brasil Cláudia Petuba sobre a representatividade política feminina e seus desafios, e também sobre questões relacionadas ao feminismo, empoderamento feminino e ativismo estudantil.

Fotografia 1 – Palestra sobre a representatividade feminina e seus desafios na Escola Estadual Dra. Eunice de Lemos Campos com a turma do 2º ano C.



Fonte: Acervo pessoal.

Antes da etapa da gravação dos vídeos, as aulas foram destinadas para orientações técnicas sobre produção audiovisual. O conhecimento técnico adquirido com produções audiovisuais em projetos anteriores foi válida. A utilização do smartphone

para produção de trabalhos escolares era inédita para todos os participantes. O critério de duração de 5 minutos para o vídeo demandou o uso de objetividade na entrevista. Decidimos para o melhor aproveitamento do tempo seguir um roteiro de perguntas subjetivas a respeito do tema do projeto.

**Roteiro de perguntas**

- 1 – Quais desafios você enfrentou na escolha da sua profissão?
- 2 – Quais motivos e dificuldades impedem que mais mulheres atuem na sua profissão (ou atuação política)?
- 3 – Quais preconceitos de gênero são sofridos na sua profissão (ou atuação política)?
- 4 – Quais medidas devem ser tomadas pela educação para superar os preconceitos que impedem a atuação das mulheres em espaços e profissões com pouca representação feminina?

Ainda nas aulas para preparação do vídeos discutimos sobre critérios no uso de imagens e áudios com responsabilidade para fins acadêmicos. Todas as entrevistadas assinaram termos de autorização para o uso de imagens e áudios.

Cada equipe recebeu uma lista com orientações para produção dos vídeos e procederam com um planejamento estratégico para o momento da entrevista. Todos entenderam a necessidade de articulação do grupo para o sucesso da atividade.

Fotografia 2 – Entrevista dos alunos com Cláudia Petuba, militante do Partido PC do B/AL no laboratório de informática da Escola Estadual Dra. Eunice de Lemos Campos.



Fonte: Acervo pessoal



**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

Fotografia 3 – Entrevista a Cabo Maria Juliana Rodrigues no 5º Batalhão da Polícia Militar de Alagoas, no bairro Benedito Bentes



Fonte: Acervo pessoal

Fotografia 4 – Entrevista a Professora de Matemática Diana Araújo de Freitas, na Escola Estadual Dra. Eunice de Lemos Campos



Fonte: Acervo pessoal

Adotamos a avaliação formativa e processual, por considerarmos como a mais adequada no decorrer do projeto. Para atender as exigências do sistema de ensino foi preciso atribuir uma pontuação de 0 a 10 pontos.

Para o sucesso do projeto foi preciso assumir um novo papel pedagógico: ser uma orientadora na construção do saber e do aprendizado junto aos alunos, ouvindo a turma e suas opiniões, refletindo as ideias, formando um saber contextualizado, construído de forma democrática e participativa. Desta forma, a interatividade entre professora e alunos possibilitou a construção da aprendizagem eficiente, pois atuando como mediadora e interventora instigar mudanças nas mentalidades e nas atitudes,

conforme justifica Pinsky sobre a necessidade de falar de gênero no curso de História:

Capacitar os estudantes para perceber a historicidade de concepções, mentalidade, práticas e formas de relações sociais é justamente uma das principais funções das aulas de História. Ao observar que as ideias a respeito do que é “ser homem” e “ser mulher”, os papéis considerados femininos e os masculinos ou a condição das mulheres, por exemplo, foram se transformando ao longo da história (como e por que), os alunos passam a ter uma visão mais crítica de suas próprias concepções, bem como das regras sociais e verdades apresentadas como absolutas e definitivas no que diz respeito às relações de gênero. [...] (2010, p.32-33)

No dia 18/05/2018, houve a socialização dos vídeos para em grupo analisar as respostas das entrevistadas; comparar o discurso das entrevistadas com o tema estudado; valorizar a atuação e o trabalho dos grupos e entender a realidade feminina a partir das falas das entrevistadas.

Fotografia 5- Equipes na sala de vídeo para apresentação dos vídeos na Escola Estadual Dra. Eunice de Lemos Campos.



Fonte: Acervo pessoal

O Projeto Estudando a Representatividade Feminina e seus desafios atingiu o resultado esperado. Podemos comprovar com as respostas do questionário que as mudanças nas mentalidades e nas atitudes são graduais e construídas a partir do processo de conscientização e conhecimento histórico.

**1ª. Descreva os pontos positivos e negativos sobre a utilização de smartphone como instrumento em produções de vídeos para apresentações escolares.**

**Aluno 1-** Ponto positivo: Nos dias de hoje qualquer uma pessoa tem smartphone e com isso a possibilidade de trabalho com celulares em trabalhos escolares como trabalhamos com o vídeo, fica muito mais fácil e isso é um ponto positivo. Um ponto negativo é o barulho em volta, mais nada que isso

atrapalhe, se o celular estiver em boas condições não haverá muitos pontos negativos.

**Aluna 2-** Ponto positivo: A facilidade no manuseio, fácil alcance, pela maioria das pessoas terem um smartphone, maior facilidade pelos alunos estarem familiarizados com os aparelhos que usaram. Ponto negativo: qualidade não profissional nas gravações, dependência da pouca memória e certa dificuldade, não de todos em relação a edição do vídeo.

**Aluno 3-** Pontos positivos: Sobre a utilização de smartphone em produções de vídeos, ele garante uma boa qualidade, mas ainda sim, não se compara com uma “câmera”. Isso depende muito do tipo de celular, é claro. Mais ainda sim, acredito que o smartphone sim, é muito útil. Pontos negativos: O áudio não é 100% o esperado; tem que baixar aplicativos, configurar a seu favor, mas uma vez depende muito de qual celular está se referindo. Acredito que com as novas tecnologias futuramente o smartphone, sim, será uma ferramenta bastante “salva-vidas”.

**Aluno 4-** Os pontos negativos são que a câmera de um smartphone não é igual de uma câmera profissional, o som do smartphone também não é legal, o espaço da câmera é pequeno (sic) etc.

## **2ª. Descreva a experiência de usar o smartphone no trabalho escolar.**

**Aluno 1-** A experiência é ótima, não gasta muito tempo, o aparelho tem praticamente mais que o necessário para trabalhos escolares.

**Aluno 2-** A experiência é muito legal, pois a maioria das pessoas tem em mãos um smartphone e com a facilidade de produzir vídeos, nós vimos que foi uma grande experiência trabalhar com celulares na escola.

**Aluna 3-** Inclusão da tecnologia no âmbito escolar, uso do smartphone para o benefício dos alunos com aulas mais dinâmicas. Fácil utilização do smartphone.

**Aluna 4-** Minha experiência foi ótima, melhor do que esperava, a qualidade da imagem ficou ótima, apesar que, se fosse com uma câmera profissional sairia até melhor. Mas percebemos que até com a câmera do celular mais simples que tivermos, podemos ter um trabalho excelente basta paciência e ter uma equipe que consiga se entender.

## **3ª. A partir das leituras dos artigos, da apresentação dos vídeos e dos discursos das entrevistadas, quais mudanças ocorreram na sua forma de perceber a realidade feminina na sociedade brasileira?**

**Aluno 1-** O que mudou na minha percepção sobre a sociedade feminina, foi a forma com que todos pensavam sobre a desigualdade entre gêneros, tipo a mulher não poderia trabalhar em empregos que fossem para homens, com o passar do tempo foi adentrando nas áreas de trabalhos que eram só para homens, quando a mulher conseguiu esse feito ainda teve desigualdade como

diferença de salários diferentes. Hoje em dia a mulher pode fazer sua escolha sobre sua profissão, mas ainda existirá a desigualdade.

**Aluna 2-** Que as mulheres vêm alcançando patamares que a sociedade machista não gostaria e luta por um espaço maior, por direitos iguais e acabar com a mulher “recatada e do lar” que os machistas tanto desejam. A realidade das mulheres é que estão numa guerra para que enfim tenhamos uma sociedade do que as mulheres são capazes de fazer.

**Aluno 3-** Não ocorreu mudanças sobre a forma de perceber a realidade feminina. Estou ciente. Há desigualdade feminina, porém, depende muito do “pensar” de cada indivíduo. Não concordo com o jeito que se trata as mulheres na sociedade. Está cada vez mais intenso, mulheres ocupando cargos públicos ou privados. Tem que deixar de lado esses pensamentos preconceituosos, ou até mesmo questões de honra, não sei ...

**Aluna 4** – Mudou bastante, pois vemos que com o decorrer dos anos avançamos cada vez mais nos cargos que para a sociedade não nos permitia exercer e mostramos que nós mulheres podemos sim exercer o cargo que queremos. Basta então somente corrermos atrás do que queremos com força de vontade conseguiremos realizar tudo que queremos.

**4ª. Como a educação pública deve tratar as questões referentes à desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres no trabalho, nas ciências e no esporte?**

**Aluno 1-** Deve tratar a partir de novas oportunidades, pois nesse tempo a educação é a base de tudo. Se todos crescessem sem essa desigualdade, o mundo teria oportunidades iguais seja homem ou mulher.

**Aluna 2** – A educação pública deveria dar mais espaço para esse debate e aprendizado dos alunos, para que no futuro tenhamos homens respeitadores e mulheres cientes seu valor e importância.

**Aluno 3-** Bom, a educação pública tem como obrigação ajudar, educar e até mesmo reeducar, se preciso. Tem de se compreender, que desde cedo uma criança de gênero feminino tem os mesmos direitos que a criança de gênero masculino. Para que futuramente ela lute por sua igualdade tanto social quanto profissional.

**Aluna 4** - Que nos mostrasse desde pequenos que existe sim a desigualdade de gênero, que devemos lutar sim pelo nossos direitos e que fosse nos ensinado através de mais pesquisas como essa, através de teatros de uma forma que ficasse bem claro para nós a importância de estudar não só esse tema como qualquer outro tema para temos conhecimentos gerais e termos cabeças pensantes e não apenas cabeças de lagartixas que só fica balançando a cabeça e não tem uma opinião fica só no tal do achismo e quando tem uma opinião diferente tem medo de falar, não se posiciona.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sábias palavras do Mestre Paulo Freire expressam meus anseios docentes: “Há necessidade de sermos homens e mulheres de nosso tempo que empregam todos os recursos disponíveis para dar o grande salto que nossa educação está a exigir.”. Conforme o pensamento do Mestre Paulo Freire, o desafio de inserirmos novos temas, discussões e recursos multimidiáticos é pertinente para acompanharmos os avanços tecnológicos e as mudanças nas relações sociais.

A inserção da temática das mulheres e das relações de gênero nas aulas de História legitima a mulher como sujeito histórico, como também a História passa a ser repensada e reescrita por outras narrativas, outras visões, outras linguagens, outros agentes históricos.

Acredito que o trabalho foi desafiador para todos os envolvidos. A experiência de trabalhar com questões sobre gênero ultrapassam os conteúdos da História, pois é preciso desnaturalizar e desconstruir as diferenças de gênero, questionando as desigualdades decorrentes do processo histórico-cultural.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS, Secretaria de Estado da Educação e do Esporte -SEE. Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino de Alagoas. Referencial Curricular Ciências Humanas. 1ª ed. Maceió. 2014.191 p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo, Cortez,2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Especial de Políticas para Mulheres. Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. 2009. Brasília,2009. 266 p.

BUONICORE, Augusto C. “Rainhas do lar” e “incapazes”, brasileiras foram à luta por seus direitos políticos. Congresso em Foco. Brasília, 08 mar 2017. Disponível em: <http://m.congressoemfoco.uol.com.br/noticias/como-a-mulher-conquistou-os-direitos-politicos-no-brasil/>. Acesso em 05 mar. 2018.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas. 1.ed. São Paulo.

Cortez. 2013.

COSTA, Ana Rita Firmino. et al. Orientações metodológicas para produção de trabalhos acadêmicos. 2 ed. Maceió: EDUFAL,2014.

COSTA, Suely Gomes. Gênero e história. In: ABREU, Martha; SOIHET, (Orgs). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia.2 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009, p.187-208.

DOMINGUES, Joelza Ester. Dia Internacional da mulher, mitos e verdade na escolha da data. In. Blog Ensinar História - Joelza Ester Domingues. 09 mar.2015. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/dia-da-mulher-mito-e-verdade/>. Acesso em: 05 mar. 2018

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e prática de ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas. SP: Papirus, 2003

GANDELMAN, Luciana M. Gênero e ensino: parâmetros curriculares, fundacionalismo biológico e teorias feministas. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs). Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia.2 ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009, p.209-220

GONZALEZ, Ana Izabel Álvarez. As origens e a comemoração do dia internacional das mulheres.1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

IBGE. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil.

Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf). Acesso 05 mar. 2018.

PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: \_\_\_\_\_ Novos temas nas aulas de História. 1 ed. São Paulo, Contexto, 2010, p.29-54.

SILVA, Marcos A; FONSECA, Selva G. Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido. Campinas: Papirus, 2007.

## Notas

---

<sup>1</sup> Os dados apresentados foram pesquisados e apresentados para a turma participante do projeto Estudando a Representatividade Feminina e seus Desafios Disponível em: <https://vamoscontar.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html> . Acesso em 05 mar. 2018. É possível que os dados sofram alterações.

<sup>2</sup> Os vídeos utilizados foram pesquisados na plataforma Youtube:

**Voto Feminino: um direito que conquistou o mundo em 122 anos.** In: Nexo Jornal. Publicado em 11 fev. 2016. Disponível em : <https://www.nexojornal.com.br/video/video/Voto-feminino-um-direito-que-conquistou-o-mundo-em-122-anos>. Acesso em: 05 mar. 2018.

**Brasil Eleitor História-2ª edição: Voto Feminino – parte I. Justiça Eleitoral.** Publicado em 10 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zD11iu0FzDQ>. Acesso em 05 mar. 2018.

**O Voto Feminino.** TV Senado. Publicado em 19 out. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xkgru2L3EUK>. Acesso em 05 mar. 2018.

**Brasil Eleitor História-3ª edição: Voto Feminino - Parte 2. Justiça Eleitoral.** Publicado em 20 out. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n-rJgNuSUIw>. Acesso em 05 mar. 2018.

**IBGE Explica • Informações Estatísticas de Gênero.** Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=xMliMNI6iGU>. Acesso em 05 mar. 2018.

**Feminismo: Princípios do Empoderamento Feminino.** Philos TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zLqy9IT5yiM>. Acesso em 03 mai. 2018.